



PARA-BADMINTON: Análise quantitativa das ações de propulsão da cadeira de rodas durante as finais do Campeonato Mundial da Inglaterra.

STRAPASSON, Aline Miranda¹; BRASIL, Stéphanie do Prado².

Eixo Temático: Esporte adaptado - participação, recreação e rendimento.

RESUMO

O Para-Badminton (PBd) é uma modalidade para pessoas com deficiência física e um dos esportes que estreará nos Jogos Paralímpicos de Tóquio/2020. O objetivo deste trabalho é contabilizar quantos toques é dado na cadeira de rodas para a sua propulsão, em partidas de PBd, além de registrar o placar, a quantidade de pontos disputados e o tempo total de jogo. Trata-se de uma pesquisa descritiva observacional e de campo, de cunho quantitativo. Foram filmados 02 jogos de PBd das classes WH1 e WH2, individual, masculino, no Campeonato Mundial de PBd/2015. Os resultados mostram que os dois atletas finalistas da classe WH1 disputaram 63 pontos, num jogo de 32m11s e efetuaram 514 e 573 toques na cadeira de rodas para os seus deslocamentos durante os ralis do jogo. Já os da classe WH2, disputaram 77 pontos num jogo de 39m24s e fizeram 820 e 829 toques na cadeira. Os jogadores que fizeram menos toques foram os vencedores das partidas. Conclui-se que ter noção sobre o volume de propulsão para o deslocamento da cadeira de rodas em quadra é uma informação valiosa para a elaboração eficiente do treino de movimentação e, conseqüentemente para maior eficiência do jogador.

Palavras-chaves: Esporte Adaptado. Análise de Jogo. Deficiência Física. Para-Badminton.

¹ Doutora, Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre - RS, e-mail aline.strapasson@ufrgs.br

² Graduanda em Educação Física (Bacharelado), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre - RS, Porto Alegre - RS, e-mail stephanie.brasil26@hotmail.com



INTRODUÇÃO

O Para-Badminton (PBd) ou Badminton adaptado para as pessoas com deficiência física, é um dos esportes que entrou recentemente para o rol de modalidades Paralímpicas e fará a sua estreia nos Jogos Paralímpicos de Tóquio/2020. Apesar desse salto evolutivo, a modalidade, que ainda passa despercebida em nosso país, também carece se fortalecer no cenário científico mundial. A carência de estudos sobre o PBd é uma realidade atual e, por conta disso, este trabalho tem o intuito de orientar profissionais, atletas e pessoas interessadas na modalidade.

Para tanto, julga-se relevante falar sobre as classes esportivas e as principais adaptações do PBd. O PBd tem classes esportivas que separam os atletas de acordo com as suas deficiências. No total, são seis classes divididas em WH1, WH2, SL3, SL4, SU5 e SS6. Essas siglas podem confundir iniciantes, mas logo após conhecer o significado das mesmas, se tornam compreensíveis. WH vem de *wheelchair*, que significa cadeira de rodas. Então, as classes WH1 e WH2 são para usuários de cadeira de rodas (UCR), lembrando que quanto menor o número da classe, maior o comprometimento físico dos atletas. As demais classes têm o prefixo “S” de *standing*, que significa andante em inglês. O S acompanhado do L, de “*lower limb*” (membro inferior) – SL3 e SL4 – são para os atletas que têm comprometimento predominante de membros inferiores; o S acompanhado de U “*upper limb*” (membro superior) – SU5 – atende atletas com comprometimento de membros superiores; e o S acompanhado de S “*short stature*” (nanismo) – SS6 – atende os atletas anões. Dessas seis classes, somente as três primeiras (WH1, WH2 e SL3) necessitam de adaptação, ou seja, redução do tamanho da quadra. As regras do PBd seguem as do Badminton convencional, regidas pela Federação Mundial de Badminton (BWF).

Em se tratando de pesquisas sobre o PBd para UCR, encontram-se alguns estudos referentes a: a) iniciação paradesportiva (STRAPASSON, 2016; STRAPASSON; ALVES; DUARTE, 2019) e, b) a análise de jogo (STRAPASSON *et al.*, 2014, 2017, 2018; RIBEIRO, 2019), destacando: sugestões de ensino de PBd; análise temporal e técnica; golpes mais eficientes; principais erros forçados e não forçados e, local mais vulnerável da quadra.

Os estudos citados são de grande valia para a rede de profissionais envolvidos com o assunto, mas, julga-se necessário o conhecimento acerca do deslocamento em cadeira de rodas realizado pelos jogadores durante o jogo. De acordo com Santos e Guimarães (2002), o homem sempre teve curiosidade em conhecer seus movimentos, de forma a aprimorar seu desempenho na prática das atividades físicas e esportivas. No entanto, nem todos os indivíduos apresentam movimentos que podem ser encaixados em padrões pré-estabelecidos, como é o caso das pessoas com deficiência que utilizam cadeira de rodas (SANTOS; GUIMARÃES, 2002). Sendo assim, o objetivo deste trabalho é contabilizar quantos toques é dado na cadeira de rodas para a sua propulsão, em partidas de PBd. Além disso, pretende-se registrar o placar, a quantidade de pontos disputados e o tempo total de jogo, com o intuito de fornecer mais subsídios aos estudiosos da área.



MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa descritiva observacional e de campo, de cunho quantitativo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012) na qual foram contabilizados, através de análise de jogo, quantos toques na cadeira de rodas o atleta executa durante os ralis de uma partida. Cabe informar que um rali é o conjunto de ações que ocorre desde o momento do saque até um ponto e, que o toque na cadeira, está relacionado a pegada na(s) roda(s) e a propulsão da(s) mesma(s), gerando movimentos para diferentes posições.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, foram filmados dois jogos de PBd das classes WH1 e WH2, da categoria individual masculina, no 10º Campeonato Mundial de PBd, realizado na Inglaterra, em 2015. Foi registrado um jogo de cada classe, na fase final, selecionados por conveniência.

Para a gravação das partidas, utilizaram-se duas filmadoras da marca *Sony*, modelo *Cyber-shot* e qualidade HD instaladas em dois tripés posicionados na cabine reservada aos profissionais de televisão, contemplando assim, toda a quadra de jogo. Posteriormente, as partidas foram assistidas duas vezes cada, pelo reprodutor de multimídia *VLC media player*, na opção de velocidade “mais devagar”, e analisadas por um dos pesquisadores, que preencheu a planilha de *scout* desenvolvida através do programa *Microsoft Excel 2010*. Em cada rali anotou-se a quantidade de toques efetuados na cadeira de rodas para a sua propulsão, totalizando um valor por rali, um por *game* e um por jogo, de cada um dos quatro jogadores finalistas. Na planilha também foram registrados o placar das duas finais, a quantidade de pontos disputados e o tempo total dos jogos. A estatística descritiva foi utilizada através de média e desvio padrão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O placar das duas finais, a quantidade de pontos disputados, o tempo total de jogo e a quantidade de toques na cadeira de rodas executados durante as partidas das classes WH1 e WH2, podem ser visualizados na tabela abaixo (Tabela 1).

Tabela 1. Resultados das Parciais, Tempo Total de Jogo, Quantidade de Pontos Disputados, Quantidade de Toques na Cadeira de Rodas

Classes Esportivas	Parciais e Pontos Disputados (PD)	Tempo Total de Jogo	Quantidade de Toques na Cadeira de Rodas
WH1	21x12; 21x09 63 PD	32m11s	J1: 514 (8.3±6.4)* J2: 573 (9.3±7.1)*
WH2	21x19; 21x16 77 PD	39m24s	J1: 820 (10.7±8.9)* J2: 829 (10.8±8.8)*

Legenda: J1: Jogador 1; J2: Jogador 2.

* Média±DP



Esses dados demonstram o esforço dos atletas, no qual observa-se que durante um jogo de 32 minutos e 11 segundos, os jogadores da classe WH1 disputaram 63 pontos em parciais de 21x12, 21x09. Após esses 63 ralis, os atletas efetuaram 514 (J1) e 573 (J2) toques na cadeira de rodas, em função do deslocamento em quadra. Cabe informar que, o jogador que realizou menos toques e conseqüentemente gastou menos energia, foi o vencedor da partida. Da mesma forma, apresentam-se os dados da classe WH2, na qual a duração total do jogo foi de 39 minutos e 24 segundos, com 77 pontos disputados, em parciais de 21x19, 21x16. Para a realização dos 77 ralis, contabilizou-se 820 (J1) e 829 (J2) toques na cadeira de rodas. Assim como no caso anterior, o vencedor da classe WH2 também foi o que efetuou menos toques na cadeira.

Apesar de existirem relatos acerca do esporte em cadeira de rodas desde a antiguidade, apenas há poucos anos atrás esta população começou a atrair a atenção de pesquisadores, que buscam aprimorar métodos de treinamento e conseqüentemente o desempenho (GORGATTI; BOHME, 2003). Corroboramos com Mara da Silva (2007) quando menciona que o desenvolvimento da habilidade de manejo da cadeira de rodas é um dos aspectos mais importantes das modalidades esportivas. Além disso, conhecer sobre o volume de toques efetuados em uma partida de PBd fornece embasamento para o planejamento adequado dos treinos. Contudo, não encontramos nenhuma pesquisa referente ao deslocamento em cadeira de rodas de atletas de PBd.

Portanto, a principal limitação deste estudo está relacionada a amostra reduzida de apenas dois jogos aliada a falta de pesquisas relacionadas com o tema, impossibilitando um diálogo de discussão mais consistente.

Enfim, os resultados deste trabalho sugerem a necessidade de ampliar as pesquisas relacionadas a quantidade de toques na cadeira de rodas que o atleta executa em jogo, auxiliando o desenvolvimento da modalidade e ampliando os subsídios teóricos para que os treinadores tenham maiores condições de otimizar suas práticas e os atletas de aprimorar o desempenho de deslocamento em cadeira de rodas.

CONCLUSÕES

Este estudo teve como escopo contabilizar a propulsão da cadeira de rodas realizada em jogos de PBd e conclui-se que o número de toques na cadeira de rodas durante uma partida: é tão alto quanto o tempo de jogo, o número de ralis e a quantidade de pontos disputados; semelhante entre os atletas rivais; e, quem efetuou menos toques foi o vencedor em ambas as classes. Ter noção sobre o volume de propulsão para o deslocamento da cadeira de rodas em quadra é uma informação valiosa para a elaboração eficiente do treino de movimentação e, conseqüentemente para maior eficiência do jogador.



REFERÊNCIAS

GORGATTI, M. G.; BÖHEME, M. T. S. Autenticidade Científica de um Teste de Agilidade para Indivíduos em Cadeira de Rodas. **Rev. Paul. Educ. Física**, v. 17, n. 1, p. 41-50. 2003.

MARA DA SILVA, E. Manejo de Cadeira de Rodas. Uma ferramenta importante no dia-a-dia do basquete em cadeira de rodas. **Rev. Adapta**, v. 2, n. 1, p. 21-27. 2007.

RIBEIRO, W. de O. M. **Análise de Desempenho em Jogos de Wheelchair Para-Badminton**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, SE. 2019. 51f.

SANTOS, S. S.; GUIMARÃES, F. J. S. P. Avaliação Biomecânica de Atletas Paraolímpicos Brasileiros. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 8, n. 3, p. 92-98. 2002.

STRAPASSON, A. M. **Iniciação ao Para-Badminton**: proposta de atividades baseada no programa de ensino “*Shuttle Time*”. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2016. 138f.

STRAPASSON, A. M.; ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. O Ensino do Para-Badminton para Crianças com Deficiência Física. **Rev. da SOBAMA**, v. 20, n. 1, p. 03-16. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/aline/Downloads/8954-Texto%20do%20artigo-29591-1-10-20190805%20(3).pdf> Acesso: 08 Setembro 2019.

STRAPASSON, A. M.; STORCH, J. A.; PARANHOS, V.; GODOY, P. S.; BORGES, M.; DUARTE, E. Análise de Desempenho Técnico no Parabadminton. **ConscientiaeSaúde**, v. 13, Suplemento "1º Simpósio Paradesportivo Paulista", p.59-63. 2014.

STRAPASSON, A. M.; BAESSA, D. J.; BORIN, J. P.; DUARTE, E. Para-Badminton: Quantificação dos fundamentos do jogo através do scout. **Rev. Bras. de Ciên. e Mov.**, v. 25, n. 2, p.107-115. 2017. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/6814>> Acesso: 08 Setembro 2019.

STRAPASSON, A. M.; CHIMINAZZO, J. G. C.; RIBEIRO, W. de O. M.; ALMEIDA, M. B. de; DUARTE, E. Para-Badminton: características temporais e técnicas do jogo. **Cad. de Ed. Fís. e Esp.**, v. 16, n. 2, p. 57-63. 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6722977>> Acesso: 08 Setembro 2019.

XICBAMA

MACEIÓ

CONGRESSO BRASILEIRO
DE ATIVIDADE MOTORA
ADAPTADA



THOMAS, J. R.; NELSON, J. K; SILVERMAN, S. J. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.